



CASAS MODERNAS EM BELÉM (PA).

Documentação e representação de um novo modo de morar

Chaves, Celma ¹, Machado, Isabelle ²

¹Universidade Federal do Pará (UFPA) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU)/Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)

66075-110 – Belém – PA – Brasil

² Universidade Federal do Pará (UFPA) – Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU)

66075-110 – Belém – PA – Brasil

celma_chaves@hotmail.com, izabelle.lima@itec.ufpa.br

ABSTRACT. *Through historical and documentary research, and analyzes based on original projects and redesigns of selected buildings, this article seeks for a new perspective over the house that was modernized in Belém since the 1950s. It's observed that the transformations that occurred in the way of life of the local society in this period were reflected in the design of residential architecture, which oscillated between morphological and spatial solutions that were still traditional, and new modern project proposals, which adapted to the needs of the emerging social groups.*

RESUMO. *Por meio da pesquisa histórica e documental, e das análises a partir de projetos originais e redesenhos de edificações selecionadas, este artigo busca uma nova leitura sobre a casa que se modernizava em Belém a partir da década de 1950. Constata-se que as transformações ocorridas no modo de vida da sociedade local neste período, se refletiram na concepção da arquitetura residencial, que oscilava ente soluções morfológicas e espaciais ainda tradicionais, e as novas propostas projetuais modernas, as quais adaptaram-se às necessidades dos grupos sociais emergentes.*



Introdução

A partir da segunda década do século XX, a economia regional se encontrava em franca estagnação que se estendeu até a década de 1930, aproximadamente. Em tal conjuntura, a cidade de Belém que já se apresentava economicamente fragilizada, padece sob as consequências da crise de produtividade nacional, como constatou Penteado: “A situação de crise que Belém atravessava foi acompanhada por uma completa desorganização administrativa; até a segunda guerra mundial, a cidade iria passar por uma sensível fase de estagnação [Penteado, 1968, p.166].

Contudo, os grupos emergentes compostos de novos atores sociais, remanescentes de famílias enriquecidas com a economia da borracha, acompanham, como em outras capitais do país e da América Latina, a construção de novas representações sociais, no sentido que dá a esse termo Chartier (2002, p.17): “As representações, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”. Em realidades nas quais dominavam, muitas vezes, administrações conservadoras, mas paradoxalmente de ações progressistas, com vistas a legitimar suas determinadas opções políticas [Chaves; Muller, 2021], a introdução de novos hábitos de morar, revela casos interessantes de estudos. Na questão das novas moradias modernas, as propostas entre inovações na distribuição funcional, em expressões formais e uso de novos materiais e soluções, estão a meio caminho entre rupturas de modelos vigentes e sua continuidade, conforme nos mostram casos de estudos em condições similares ao caso de Belém [Tarchin, 2008, p. 63].

A busca por um habitar moderno não estava separada dos mecanismos que em escala local ou nacional impulsionaram e conduziram a uma nova perspectiva de cidade moderna. Nesse sentido, a consulta a jornais impressos na cidade de Belém durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, revelou a atuação desses meios na veiculação de peças publicitárias, cujos produtos estavam relacionados diretamente às novas formas de construir, ao mesmo tempo que mostrava quais famílias estavam envolvidas como clientela ou profissionais que produziam essas obras. Nesse momento, era comum a publicidade de escritórios de advocacia, de engenharia civil ou clínicas médicas, cujos proprietários faziam parte das famílias ligadas a essas dinâmicas construtivas. Havia, além disso, outras formas de acesso às novas tipologias do habitar, que eram os catálogos de “casas modernas”, frequentemente consultados por projetistas e construtores, que buscavam repertórios atualizados, que luziam aos olhos de seus clientes¹.

A casa apresenta-se, no contexto da cidade de Belém das décadas de 1940 a 1960, não apenas como um espaço de moradia em seu sentido utilitário e funcional, mas como um representação e conjugação de valores que subjaziam aos novos códigos sociais, próprios desses novos grupos sociais emergentes, o público para quem se destinava essas moradias. Articula-se, nesse sentido, disposições que incluem trajetória individual, social e profissional, conformando os interesses e escolhas dos encomendantes, quanto a quem, como e onde construir.

¹ A Revista “Sugestões, arquitetura, decoração e informações técnicas”, editada entre 1953 e 1956 aparece como uma das publicações consultadas por várias profissionais da construção naquele momento.



Pela localização dos terrenos onde foram erguidas, suas formas inusitadas, os novos espaços, embora em alguns casos ainda reproduzindo arranjos tradicionais, como veremos adiante, formaram, um conjunto de valor simbólico agregado a seu valor de uso, na dinâmica comum às novas classes que “(...) inserindo-as no campo de produção, consumo e circulação no qual estiveram em jogo e em disputa as formas legítimas de se praticar a arquitetura [Rosatti, 2019, p.19], próprias de parte desses grupos sociais da capital do Pará naquele momento.

Neste artigo, por meio de procedimentos metodológicos que incluíram os redesenhos dos projetos de 04 residências construídas na década de 50; a análise de alguns aspectos de suas plantas baixas, composição e elementos das fachadas; e observação por meio de fotografias e pesquisas “in loco”, foi possível descortinar as relações espaciais, questões programáticas e formais em cada casa e nos projetos entre si. Nessas casas, a concepção arquitetônica intrínseca ao fazer dos arquitetos, em associação às expectativas dos clientes para os quais foram construídas, especialmente no caso do engenheiro e arquiteto Camilo Porto de Oliveira, revela uma arquitetura que embora transitando entre o novo e o tradicional, inaugura, sem dúvida, o novo modo de morar moderno na cidade de Belém.

As casas entre o tradicional e o moderno. Novos espaços e novos modos de morar

A casa como uma expressão de valores materiais e simbólicos, formas e experiências, atravessa os tempos e os espaços. Confrontar-se com arquiteturas do passado pelo olhar do presente, significa observá-las nessas duas dimensões. Na modernidade, a experiência do habitar funde-se com a visibilidade do espaço onde se habita, tornando a casa quase um “dispositivo doméstico” [Tarchini, 2008, p. 63; Liernur, 1999], na qual se revelam modos de morar resultantes de um progresso econômico, material, e da força de um discurso de modernização e atualização, que mobilizava grupos que, de certa forma, buscavam nesses espaços visibilizar sua posição e prestígio social. Em Belém, a residência moderna afirmou-se como o *locus* das novas propostas de morar, compondo o *habitus* [Bourdieu, 1989, 2006; Stevens 2003].

Na noção de *habitus* junto com a de capital e campo, conjugam-se o que Bourdieu considera como produto de uma construção histórica. Para ele, *habitus* “é um conjunto de disposições interiorizadas que induz as pessoas a agir e reagir de determinadas maneiras e é o produto final do que a maioria das pessoas chamaria de socialização e ‘enculturação’” [Stevens, 2003, p.70]. Nesse sentido, quando nos referimos a um “novo modo de morar” que leva à adoção de certos espaços e formas nas casas aqui analisadas, estamos relacionando determinadas estruturas sociais, interiorizadas pelo *habitus*, que regula as práticas [Stevens, 2003, p.72]. Portanto, nessa direção, as casas aqui estudadas, tornaram-se o novo símbolo de um novo modo de morar desses grupos e indivíduos [Chaves; Beltrão; Dias, 2020], em que pese os anseios de modernidade destes, essa arquitetura ainda se apresentava conjugada aos aspectos tradicionais da moradia local.

No entanto, as transformações na concepção de residências unifamiliares em Belém aconteceram de forma mais lenta, se comparadas aos edifícios verticalizados. Deram-se a partir do fim dos anos 1940, década na qual começa a se destacar a produção do então engenheiro Camillo Porto do Oliveira, um dos mais relevantes para a nova cultura

arquitetônica residencial que se desenvolvia. Apesar de ter apresentado diversos projetos de casas significativos no decorrer das décadas de 1950 e 1960, seu trabalho ainda era restrito – e continuaria a ser até o momento em que encerra sua trajetória - a uma classe média e alta. Suas propostas de casas modernas eram, muitas vezes, recebidas com certo receio, tanto por parte dos clientes, cujas paredes de vidro ainda causavam intimidação e incômodo, quanto por parte de profissionais, desconfiados de sua apropriação de um repertório considerado alheio aos condicionantes ambientais, diferentemente dos comemorados projetos de edifícios multifamiliares nesses mesmos anos.

A partir da década de 1940 se reconhece o reinício de um ciclo, em que parte do capital remanescente da economia da borracha passa a ser aplicado no setor das novas construções, cuja concepção modelar era, por um lado, o edifício em altura, e por outro, as residências das famílias de “boas condições”, que faziam parte do “círculo de distinção privilegiado” [Bourdieu, 2007 ; Stevens, 2003] da Belém de então. Uma das primeiras casas a apresentar aspectos da modernidade arquitetônica de autoria de Camilo Porto do Oliveira foi a Casa Moura Ribeiro de 1949 (figura 01), encomendada pelo médico do mesmo nome. A partir da observação das plantas originais, foi possível apontar que sua concepção combinava conceitos modernos com tradições da moradia local. Apresentando fachadas assimétricas e dispendo-se de forma regular no terreno, a Casa Moura Ribeiro, localizada no centro da cidade, apresenta volumetria inusual para os padrões arquitetônicos da cidade naquele momento, porém, sem deixar de lado os esquemas compositivos da tradicional organização espacial de uma casa limítrofe, formal e funcionalmente. Na fachada que faz limite com a via pública destaca-se a projeção de forma cilíndrica e envidraçada da sala de música, ambiente remanescente das tipologias residenciais ecléticas [Chaves, 2008, p.155].

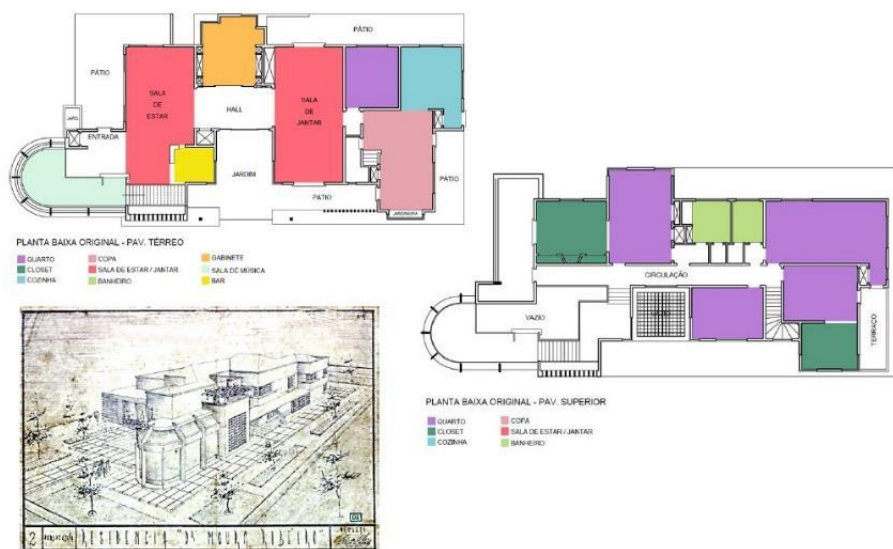




Figura 01: Residência Moura Ribeiro. Redesenhos de Plantas Baixas em software, perspectiva e foto da fachada frontal. Fontes: Arquivo Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - LAHCA (2011), Acervo Antônio Couceiro (1949), Foto: Celma Chaves (2019).

No pavimento térreo, onde se encontram os ambientes de setor social e serviço, a casa apresenta disposição de ambientes de forma a suprimir o usual corredor longitudinal, adotando a circulações em hall, interligando os ambientes de forma fluida, potencializando a funcionalidade espacial do projeto. No pavimento superior, os ambientes de setor íntimo se encontram ao longo de um corredor central que funciona como espinha dorsal para a distribuição dos ambientes, característica peculiares às tradicionais plantas das casas coloniais. Isso indica a controversa vontade de apresentar à sociedade uma residência que fosse símbolo do processo de modernização, a qual, no entanto, ainda apresentava íntima conexão ao modelo de habitação tradicional.

A partir da metade da década de 1950, cresce significativamente a produção de casas modernas em Belém. Buscam-se renovações das pautas locais de modernização e atualização dos espaços que é basilar ao desenvolvimentismo dessa década. Em um crescente movimento de aceitação, as casas do engenheiro Camilo Porto passam a ser encomendadas por grupos familiares proprietários de generosos terrenos que permitiam variadas possibilidades de criações formais. A partir da análise de redesenhos de alguns projetos, é possível analisar as novas configurações e os diálogos que se formaram com os antigos padrões de moradia.

Entre essas obras destaca-se a Casa Bendahan (1957) (figura 02) localizada num condomínio fechado em município próximo, construída para um empresário local, que também já havia encomendado um edifício para residência de outros familiares, o Dom Carlos, também da década de 1950, localizado no bairro do Reduto. Esta casa apresenta vários elementos formais e estruturais comuns aos partidos de residência moderna no Brasil, como a cobertura “tipo Errazuris”, que continua linearmente até formar a parede lateral, em que a estrutura da cobertura se prolonga e define a estrutura compositiva da construção, convertendo-se na definição do partido arquitetônica [Chaves 2008, p. 157].



Figura 02: Casa Bendahan. Redesenho de Plantas Baixas e Fachadas em software, e estado da casa em 2011. Fontes: Arquivo do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - LAHCA (2018); Celma Chaves (2011)

O primeira proposta de projeto da Casa Bendahan apresentava fachada com transparência e amplas aberturas e conseqüente maior relação com o espaço exterior, um traço marcante da arquitetura moderna. No entanto, o desejo de privacidade do cliente prevaleceu, e a transparência foi substituída por alvenaria, o que revela, ainda, a pouca familiaridade dessa clientela com as propostas vanguardistas da arquitetura moderna.

Quanto à planta baixa, apresenta arranjos espaciais simplificados, de pouca variação em suas geometrias, e apesar de ser térrea, o engenheiro incorporou um desnível interno na área dos espaços de zonas íntimas, dotando-a de um movimentado jogo espacial. Porém, a concepção da planta constituiu-se em decorrência dos elementos estruturantes, condicionada às suas fachadas.

Observa-se que algumas ideias inovadoras acabavam sendo adotadas equivocadamente na esfera regional, como por exemplo, a solução de recolhimento de águas pluviais dessa residência, feita através de tubos instalados junto ao vértice formado pelo desenho do telhado, a qual não suportava a demanda de chuvas da região.,

tendo apresentado diversos problemas ao longo do tempo, como nos informou seu proprietário em nossa última visita à esta residência, que apresentava estado de intensa deterioração.

Nas proximidades da Casa Bendahan, encontra-se a Casa Chamié (figura 03), outra obra de Porto do Oliveira cujo projeto foi desenvolvido na mesma década (1950) para o filho de um exportador de castanhas local. Nesse momento já é possível indicar a padronização formal que o engenheiro apresentava em suas obras, observando-se a mesma intenção em dar soluções que enalteçam outras variações na forma-suporte da cobertura que deriva como uma espécie de moldura na fachada, uma vez que cria um espaço coberto posterior. Na Casa Chamié, o engenheiro faz uso do que ele chamou de “split level” (análoga ao “raumplan” loosiano), um nível de piso intermediário característico de casas modernas, que segundo o mesmo nos revelou, foi resultado de suas observações nas várias visitas a casas estadunidenses, o qual confere um jogo de variações espaciais internas à casa [Chaves, 2008, p. 159].

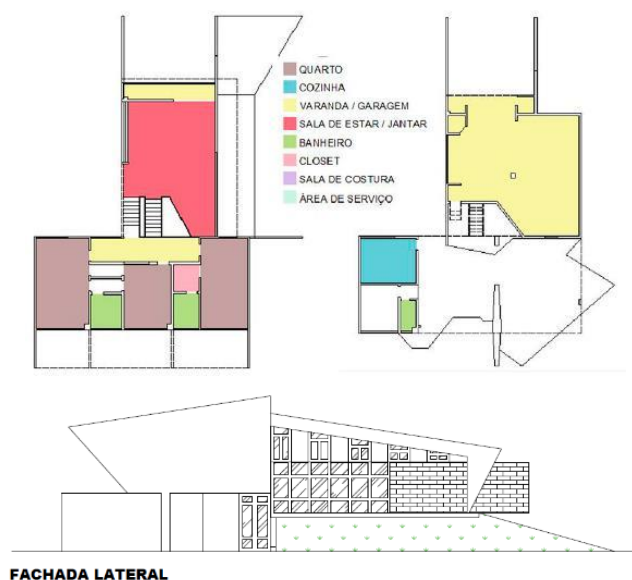


Figura 03: Residência Chamié. Respectivamente, redesenhos de Plantas Baixas pav. superior, pav. inferior e fachada. Abaixo: fachada. Fonte: Arquivo do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - LAHCA (2011-2018); foto: Celma Chaves (2014)

O projeto da Casa Belisário Dias (1954) (figura 04), destinada a um engenheiro do mesmo nome que havia sido diretor de um órgão público, o Detran (PA), ocasião em que encomenda a Camilo o projeto sede deste órgão, é outra obra emblemática deste engenheiro. Observa-se mais uma vez as relações que se constituíam entre o engenheiro e a rede de clientes que se formava em função das relações nos círculos de amigos, familiares ou profissionais, no seu “círculo privilegiado” [Stevens, 2003].

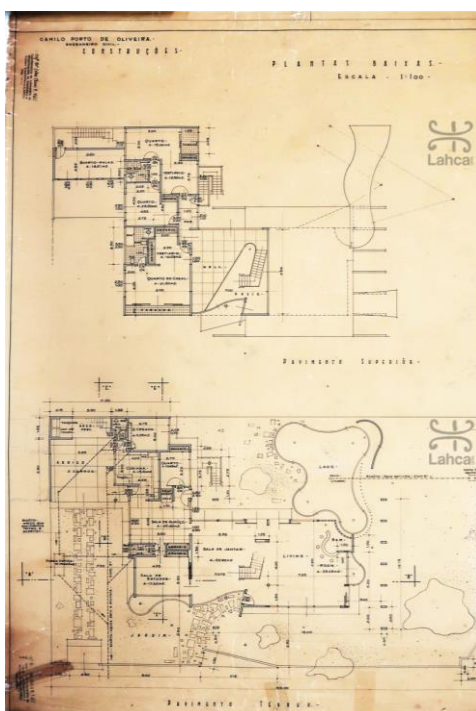


Figura 04: Residência Belisário Dias (1954). Projeto arquitetônico original: Plantas baixas.
Fonte: Acervo do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - LAHCA (2018).
Doado pelo engenheiro Antônio Couceiro.

A casa localiza-se em um terreno amplo, na esquina de uma importante via pública de acesso à cidade, a Almirante Barroso, e uma travessa, o que proporciona a essa residência duas fachadas igualmente importantes visualmente. Identifica-se nessa residência, o mesmo primor formal, com uso de transparências e presença de lago artificial e jardim, mas que atualmente foram alterados, em função dos diversos usos que a casa assumiu durante as últimas décadas. Nesta casa, o engenheiro adiciona à cobertura em V, as formas expressivas que, desde a cobertura abobadada da capela de São Francisco do Assis (1942) até a fábrica da SOTREQ (1949) dos irmãos Marcelo e Milton Roberto, [Chaves, 2008], remete às soluções paradigmáticas da arquitetura moderna brasileira.

A disposição da casa no terreno ganha forma de “L” e a partir dos redesenhos do seu projeto original, evidencia-se que os ambientes no pavimento térreo estão dispostos de forma justaposta, conectados, o que viabiliza espaços fluidos e funcionais. Os ambientes sociais vão dando acesso gradual às áreas mais privativas até o setor de serviço, o qual possui acesso independente ambiente denominado “quarto da criada”

no projeto original. As salas de jantar e de estar são conjugadas e proporcionam fluidez entre esses espaços.

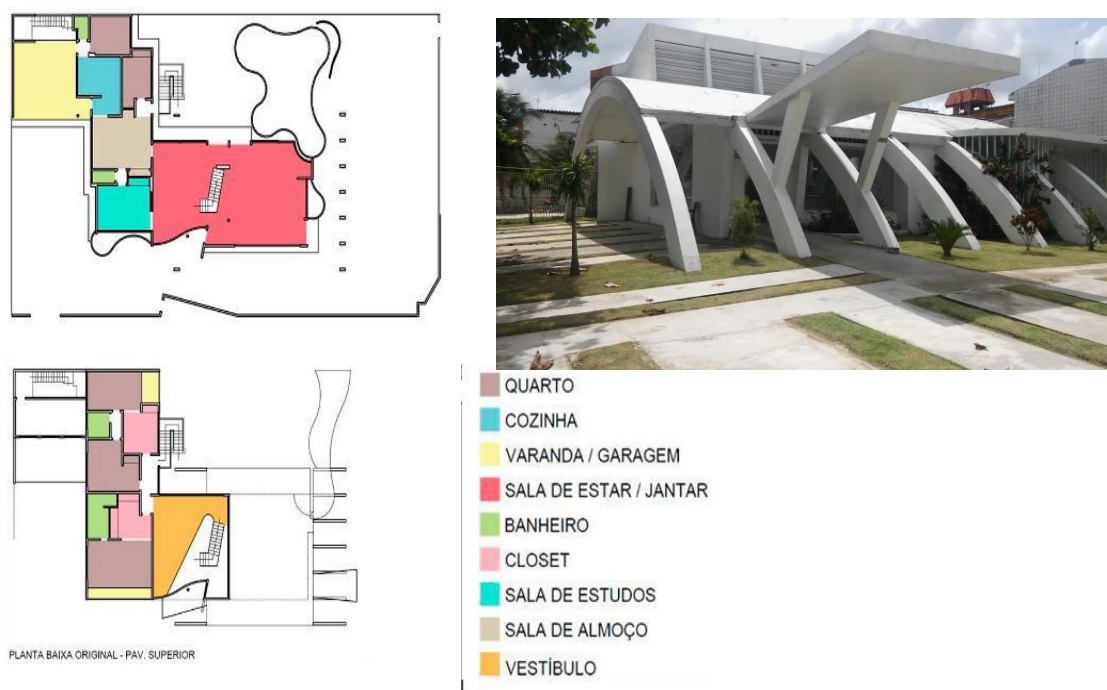


Figura 05: Residência Belisário Dias. Redesenho de Plantas Baixas em software e Fotografia da Fachada Frontal. Fonte: Arquivo do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - LAHCA (2011-2018).

Em contrapartida à questão da separação estanque de ambientes, como na maior parte dos projetos de Camilo Porto, o acesso ao setor íntimo (localizado no pavimento superior) da Casa Belisário Dias está situado na área social da residência (figura 05). Identifica-se um tipo de mezanino intermediando o acesso ao pavimento superior. A função de integrar uma área de dormitório com uma área social também se dá, nesse caso, por meio da presença de “vestiários” que viriam a ser denominados “closets” posteriormente.

Outra casa que possivelmente foi construída em 1954, segundo informações de seu proprietário, é a Casa Gabbay (figura 06), projetada pelo engenheiro português Laurindo Amorim. Localizada em bairro fronteiriço à principal zona de verticalização, a edificação encontra-se em terreno estreito e, portanto, utiliza praticamente toda a sua testada. Há na fachada presença de elementos típicos modernos: *brise-soleil* e cobogós na parte superior. A organização espacial, reflexo de um programa arquitetônico simples e compacto, e de um terreno de menores dimensões, difere das variações formais dos projetos de Camilo Porto. Porém, da mesma forma, entrelaçam-se as variações e soluções entre um certo tradicionalismo na organização dos ambientes internos, e as formas figurativas da arquitetura moderna que se desenvolvia no Brasil, especialmente os elementos da chamada “escola carioca”.



Figura 06: Residência Gabbay. Fontes: Arquivo do Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica - Celma Chaves (2018).

Nas primeiras décadas do século XX, as famílias burguesas que financiavam a edificação de sobrados ecléticos eram compostas principalmente por políticos, comerciantes e negociantes (especialmente relacionados à produção da borracha). Com as mudanças econômicas que se seguiram, inseriram-se novos protagonistas, como advogados e empresários, que exigiam novos espaços nos interiores domésticos. Na casa Moura Ribeiro aparece o “gabinete” localizado no setor social da casa, posição estratégica para o escritório de um profissional liberal para trabalhar ou receber um cliente em sua residência sem precisar perder o convívio social. A casa passa a ser mais que um espaço de morar, um lugar de trabalho.

As tipologias residenciais até o início do século XX caracterizavam-se de forma quase padronizada na concepção da planta baixa de acordo com os terrenos profundos e estreitos, onde se aproveitava, no caso dos sobrados, toda a largura da testada do lote, de tal forma que as edificações se prolongavam retilinearmente. Também por isso, as casas possuíam extenso - e geralmente único - eixo de circulação, herdado das formas coloniais. As áreas onde se realizavam as atividades de serviço tradicionalmente encontravam-se nos fundos da casa.

Os resultados das análises sobre as transformações morfológicas e programáticas ocorridas no processo de modernização, apontam, por exemplo, que as casas modernas de Belém guardavam hábitos tradicionais, como se observa na Casa Belisário Dias (1954), onde a localização do setor de atividades exercidas pelas empregadas domésticas, concentra-se nos fundos do lote, conservando certo tipo de segregação que já era presente na estrutura da sociedade local. Essa segregação repete-se em outras



residências estudadas (Casa Moura Ribeiro, Bendahan e Chamié), variando sutilmente em forma ou dimensão, mas mantendo a posição no espaço da casa.

Nos moldes das casas burguesas anteriores às transformações modernas, é relevante a presença de um ambiente essencial na configuração da tipologia, a varanda, como espaço de maior convívio social da moradia onde aconteciam geralmente as reuniões em família, apresentando, geralmente, uma grande área aberta em contato com o espaço externo (quintal).

Em contrapartida, a modernização trouxe aos edifícios verticalizados os elementos da janela em altos planos e da sacada. Isso fez com que a relação com o exterior se desenvolvesse de uma nova perspectiva, muito menos participativa por parte do usuário na qual as janelas e sacadas dos edifícios concebem-se como contemplativas em relação à cidade e às relações estabelecíveis com a vizinhança. No caso das moradias unifamiliares, é possível indicar que os terrenos escolhidos para a construção das casas modernas eram de grandes extensões, adequados para o desenvolvimento da forma arquitetônica almejada. Por outro lado, isso distanciou os usuários do contato com a vizinhança. Em ambos os casos, observa-se que o modo de vida que se alinhava às concepções modernas, restringia o uso do espaço externo para o convívio social, embora, paradoxalmente, esse fosse um dos princípios que caracterizavam a arquitetura moderna.

Considerações Finais

Em busca de uma nova perspectiva para a construção historiográfica da produção arquitetônica moderna de Belém, é pertinente que incluamos a ideia de diversidade, em exemplares que estão além do *corpus* historiográfico hegemônico, e possam ser apropriados em seu valor cultural, social, histórico e estético [Naslavsky e Marques, 2011]. Ao explorar a perspectiva de Gorelik (1999) na análise sobre o modo de vida nas moradias modernas, assume-se que, no enfoque regional, o processo de modernidade não se desenvolveu acompanhado de uma modernização, pois em Belém apresentou-se o resultado da absorção de valores desenvolvidos naquele momento no país associado a uma herança cultural e a um processo de industrialização praticamente inexistente em Belém.

Pode-se pensar, portanto, e de acordo com as observações e estudos realizados, na elaboração de uma nova percepção da arquitetura residencial moderna de Belém, na qual se considere os parâmetros de adaptação dos grupos envolvidos no processo de transformação da fisionomia da cidade e dos espaços domésticos. Nestes, a noção de conforto, de bem estar e de expressividade dos novos hábitos e atividades cotidianas precisam ser vistos em suas contradições e resistências às mudanças, mas que foram fatores que concorreram para um nova forma de habitar moderno na cidade, e que se estenderia para áreas além dos bairros centrais, e a outros municípios do estado do Pará.

Essas casas modernas são hoje como foram no tempo de sua construção, representações simbólicas, funcionais, memoriais, e mentais de um passado ainda presente. Não são apenas as casas dos arquitetos, mas espaços que se tornaram, além de um objeto na paisagem, documentos indiscutíveis da passagem do tempo e das transformações da cidade. São espaços vividos, imaginados e reinventados, haja vista que hoje são objetos de usos e reusos que vêm alterando sensivelmente suas concepções originais, bem como modificando os entornos em que se encontram e os



ressignificando. Em muitos casos, transformam-se os modos de apropriação dos futuros usuários, que não mais as vivenciarão como espaços de morar, mas como novos espaços de serviços, nos mostrando o movimento constante da arquitetura moderna na cidade contemporânea.

Referências

- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. Edusp, São Paulo, Zouk, Porto Alegre.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.1989.
- Chartier, R. (2002) *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel.
- Chaves, C. (2008) “Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960”. *Revista Risco EESC/USP*, São Paulo, v. 8, p. 145-191, <http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44757>.
- Chaves, C. (2008) *Arquitetura, modernização e política entre 1930 e 1945 na cidade de Belém*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 094.06, Vitruvius, mar. 2008 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.094/161>>.
- Chaves, C., Beltrão, B., e Dias, R. (2020) “A arquitetura moderna em Belém como documento e objeto de investigação. Da invisibilidade ao reconhecimento.” *Revista Labor & Engenho*, Campinas, Unicamp.
- Chaves, C., Muller, L. (2021). *Diálogos pertinentes em cidades latino americanas: O ideal modernizador nos casos de Belém e Santa Fé*. *Anais do VI Enanparq, Fau-Unb*, Brasília, p. 127-146.
- Gorelik, A. (1999) “O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização” In: *Narrativas da modernidade*, Edited by Miranda, W. M., Autêntica, Belo Horizonte.
- Liernur, J. F. (1999) “Casas y jardines. La construcción del dispositivo doméstico moderno (1870- 1930)” en *Historia de la vida privada en la Argentina. La Argentina plural: 1870-1930*. tomo 2. Taurus, Buenos Aires.
- Naslavsky, G., Marques, S. M. B. (2011) “Recepção x difusão: reflexões para preservação do patrimônio recente”. *Publicações 9º Seminário Docomomo Brasil*. https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/142_M20_RM-RecepcaoXDifusaoART_guilah_naslavsky.pdf
- Penteado, A. R.(1968) “Belém do Pará: estudo de geografia urbana.” 2º volume. Universidade Federal do Pará. Belém.
- Rosatti, C. G. (2016) “Casas burguesas e arquitetos modernos: condições sociais da produção da arquitetura paulista”. *Tese (Doutorado em Sociologia)*, São Paulo: FFLCH/USP, 386f.
- Rosatti, C. G. (2019) *Habitar moderno. Habitus e estilo de vida conformando o hábito de morar*. *Proa - revista de antropologia e arte*. Unicamp, 9 (2), p. 18 – 46, jul – dez.
- Stevens, G. (2003) “O círculo privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica” Ed. UNB, Brasília.
- Tarchin, M. L. (2008) “Imaginos del habitar moderno. La casa racionalista em Santa Fe.” In: *Arquitectura moderna en Santa fe (1935-1955)*. Ciudad, modernización y



sociedade en la práctica arquitectónica santafesina, Edited by Muller, L. UNL, p. 63-89.